

[DRAMATURGIA]

AS VOZES DELAS

Quatro Dramaturgias
de Lígia Souza

Lígia Souza

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana **B**

KAN
editora

AS VOZES DELAS

Quatro Damaturgias
de Lígia Souza

AS VOZES DELAS

Quatro Damaturgias
de Lígia Souza

Lígia Souza

Copyright © Lígia Souza
ISBN 978-65-86198-48-5
Londrina – PR
1ª Edição

Editora Kan

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ImagemPalavra

REVISÃO

Visualitá® Gestão em Design Estratégico

DIAGRAMAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Lígia

As vozes delas / Lígia Souza. -- 1. ed. -- Londrina, PR : Editora Kan, 2025.

ISBN 978-65-86198-48-5

1. Teatro brasileiro I. Título.

25-274135

CDD-B869.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura brasileira B869.2

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



Rua José Giraldi, 115
Londrina – PR – CEP 86038-530
Telefone (43) 3334-3299
editorakan@gmail.com

Índice

Para ler aos trinta	7
Penélope	31
O nome das coisas	46
Bem-vindo, adeus	68

para ler aos trinta

*(dramaturgia escrita em processo colaborativo
para as atrizes Kelly Eshima e Uyara Torrente)*

em off

ps. à mão 1

desculpe mandar os ps's em envelopes separados, quando voltei do correio, percebi que a última página estava ainda sobre a mesa... espero que elas cheguem na ordem...

ps. à mão 2

o nome do livro é "corpos em antanho". e provavelmente você não atendeu ao meu pedido para para ir naquele momento à livraria, impossível.

uyara – imagine o que são os acontecimentos.

imagine que existem vários tipos de acontecimentos.

e imagine, também, que um simples acontecimento pode desembocar em milhares de consequências.

mas imagine, agora, em apenas uma das consequências: a dor.

algo acontece e então você sente dor.

por exemplo: você corta, por acidente, a ponta do seu dedo com uma faca. existe um tempo pra que a dor aconteça. você se corta e demora cerca de alguns milésimos de segundo para que seu cérebro entenda que isso é um problema.

ou seja, a dor é produzida pelo nosso cérebro como resposta a algo que aconteceu no nosso corpo.

chegamos à conclusão, então, que a dor não está no aqui e agora, no acontecimento imediato, ela nunca se adere ao presente. nunca! ao pensarmos sobre a dor, a gente entende que ela é sempre associada a um acontecimento passado. a algo que já aconteceu.

(silêncio)

por exemplo, quando estamos olhando para o céu, vendo um pôr do sol, quando estamos acompanhadas daquela pessoa que amamos, ou então, simplesmente, desfrutando da nossa própria companhia, olhamos para o céu e vemos o último raio de sol encostar a superfície, até que aquela bola redonda e alaranjada desaparece atrás de uma montanha.

mas e se considerarmos que o raio de sol demora cerca de 6 minutos para percorrer toda a distância entre o sol e a terra e encontrar os nossos olhos?

é então que percebemos que o sol, este acontecimento que é o sol se pondo, já aconteceu há cerca de 6 minutos, e o que vemos são somente os últimos raios de sol, velozes, tentando encontrar nossos olhos...

compreendemos que o sol, ele já se foi há muito, muito tempo...

o sol, ele está sempre no passado!

(silêncio)

agora pense que essas palavras que eu estou te dizendo, agora, já foram escritas por alguém, a dramaturga desta peça, há algum tempo atrás. pense que todos os personagens de todos os livros que você já leu, já foram escritos antes, muito antes...

por mais que eles se apresentem assim, neste momento, sob os seus olhos, eles estão vivos e vivendo todas as aventuras há muito tempo...

toda ficção está no passado

(silêncio)

e assim como toda dor que o nosso corpo sente, a nossa dor de cabeça, até os nossos pensamentos doentios, são como as peças de teatro, como as histórias que contamos aqui neste espaço ou como os raios de sol... as histórias que alguém, algum dia, num passado às vezes muito distante escreveu nesta máquina de escrever... as dores que sentimos estão no passado, assim como tantas personagens incríveis: capitu,

dona flor, tieta, ray, medeia, penélope, maria madalena, mulher maravilha, sheera, molly bloom...

(kelly ajuda com nomes de mais mulheres da ficção)

essas personagens que encontramos em tantas histórias, todas as ficções (essas pequenas mentiras) assim como nossas dores, todas elas, estão sempre, sempre no passado...

kelly – agora você esquece tudo o que ela disse. esquece completamente. porque tudo isso que ela disse, não passa de poesia, palavras bonitas... esquece e presta atenção no que eu vou te dizer: meu nome é kelly, eu sou atriz e tenho 30 anos. o nome dela é uyara, ela também é atriz, ou seja, sabe mentir muito, muito bem e também tem trinta anos. nós estamos fazendo esta peça que fala sobre uma mulher que, já muito velha, escreve pra ela mesma aos trinta anos de idade. nós já fazemos esta peça desde de 2014 e só agora temos trinta anos. e nós mentimos muito, muito bem. nós estamos aqui, na cidade ???, e agora são 20 horas e 12 minutos e *(olha no relógio)* e 15, 16, 17, 18 segundos... esta peça tem a duração de 58 minutos. exatamente. 58 minutos. eu preciso falar todas as palavras e fazer todas as ações milimetricamente porque a peça tem que durar precisamente 58 minutos... eu, kelly, 30 anos, atriz, de origem nipônica, 1,59 de altura, 55 quilos, estou dizendo que nós estamos neste teatro prontas para começar essa peça que fala sobre essa mulher que manda ps's espalhados em vários envelopes pra si mesma. são vários envelopes, ps's infinitos... ela fica tentando dizer pra si mesma, tentando se convencer de que sua vida poderia ter sido muito melhor se ela seguisse esses conselhos... por exemplo, se ela pudesse projetar como ela gostaria, eu disse "gostaria" que fosse a sua vida, seria mais ou menos assim (olha para o relógio, como se contasse o tempo). vai:

uyara – eu desejei estudar dança, e eu fui, eu realmente estudei, eu realmente me dediquei muito. eu abandonei todas as coisas ou qualquer coisa que eu tinha de seguro pra isso.

e eu imaginava minha vida assim:

eu seria uma grande bailarina, e seria realmente grande, eu seria importante, eu seria uma espécie de bailarina russa. e depois disso, depois que eu fosse realmente grande, realmente importante, uma grande bailarina, uma espécie de bailarina russa, ou coisa assim, eu conheceria um homem, e eu amaria esse homem, e ele seria como um tipo de sol na minha vida, e toda vez que eu estivesse prestes a encontrar esse homem eu ficaria tão nervosa que eu sentiria meu coração na garganta.

e todos os bichos do zoológico, que é o meu coração, gritariam muito alto numa espécie de festa estranha, e então quando de fato eu encontrasse esse homem, seria como se o mundo todo se encaixasse, como se um silêncio nos dissesse que nós seríamos felizes, que nós seríamos livres, que nós subiríamos montanhas e atravessaríamos mares, e nós nos amaríamos com um amor calmo e enorme e bom, e seria simples, seria tão simples. e nós viajaríamos o mundo, moraríamos em paris. e nós dançaríamos... e nós faríamos jantinhas vegetarianas para receber os amigos - porque sim nós teríamos bons amigos. e no dia da minha estreia mais importante, ele me mandaria flores e um pedacinho de bolo de banana no camarim, porque ele como ninguém saberia do puta medo que eu sinto de tá aqui, digo, num palco.

porque dançar é uma coisa suicida, é como se você tivesse 78 corações espalhados pelo corpo e todos eles batessem alto muito forte como um grito ao mesmo tempo, (e eu sinto um puta medo de tá aqui, eu realmente sinto muito medo de tá aqui) e ele saberia disso e então ele se sentaria na primeira fileira sorrindo com aquele par de olhos grandes sorrindo pra mim e eu os veria assim que eu entrasse em cena, e seria como se um grande sol tivesse invadido o meu corpo e eu dançaria, e dançaria, eu e meus 78 corações espalhados pelo corpo, e eu dançaria pra aquele par de olhos grandes que sorria pra mim todos os dias mesmo quando num dia ruim eu fosse um grande buraco escuro e eu dançaria ali sem nem imaginar que naquele momento na verdade eu era três.

dançaria eu e os meus dois pequenos peixinhos dentro de mim, e nós dançaríamos eu, ele e nossos pequenos peixinhos que estavam crescendo dentro de mim, e nós seríamos felizes e nós seríamos livres e nós seríamos leves e seria simples, meu deus, seria tão simples, e bom.

kelly – mas isso é o que ela gostaria que fosse a vida dela. porque não, a vida dela não foi assim. esta peça fala sobre uma mulher frustrada, cada vez mais descrente da vida a ponto de odiar a si própria, o seu presente, ela odeia tanto quem ela é hoje, que ela pretende, desesperadamente, mudar o passado!!!!

(uyara, que já estava incomodada com o tom agressivo da kelly, tenta interromper)

nós estamos fazendo o teatro.

nós não temos 60 anos e nem queremos mudar o nosso passado, certo, uyara?

(uyara tenta responder, não consegue)

certo, certíssimo. quero que, aqui, fique bem, bem claro que, aqui, nós estamos fazendo teatro, e que, apesar de termos 30 anos e mentirmos muito, muito bem, esta peça não é sobre nós, se trata somente de um teatro...

(música)

kelly – ps. 1 – aquela moeda da sorte que você ganhou na última viagem a veneza ainda está guardada. é uma besteira achar que aquele garçom realmente sabia o segredo da sua vida porque adivinhou que você dançava. alguns indícios ajudaram, não? além de velhinhas das histórias infantis, quem mais usa coques perfeitos no alto da cabeça?

ps. 2 – não adianta deixar uma fresta na cortina se na noite passada você tomou duas garrafas de vinho sozinha porque jurou que ia escutar os discos todos da ella fitzgerald. há poucas possibilidades de você acordar cedo no outro dia.

uyara – ps. 3 – li um livro que você vai adorar. você deveria comprar e ler antes de abrir esta carta. ele fala sobre a ideia de que a percepção do presente está sempre no passado. pensa

só: quando a gente se corta, qual o tempo do impulso nervoso percorrer nosso corpo e chegar até o cérebro? sempre existirá o tempo do acontecimento até a percepção dele. tudo está no passado. não sei explicar direito. já que, inevitavelmente, você está lendo esta carta antes de comprar o livro, pare tudo e vá agora até a livraria no brune. agora!

kelly – ps. 4 – tenho certeza que vai ter lindos filhos. um casal, como você sempre quis.

ps. 5 – tenho certeza que antes disso você vai conseguir morar um tempo fora do país. não, você não está velha. e, por favor, não me envergonhe com este papo de “a vida não vai dar tempo...”

ps. 6 – mamãe ainda se culpa por esquecer de te ligar. quem mandou fazer aniversário no dia 31 de dezembro. se existe uma data do egoísmo, aí está ela... culpa desse tal de futuro...

ps. 7 – estou te enviando 50 reais pra você ir na feirinha e comprar aquela luminária que você amou. vai ficar linda do lado da poltrona, e você merece - além de te forçar a não ler no escuro, vai ficar cega de vez...

ps. 13 – liga pro pai. tenho certeza que você não fala com ele há meses...

uyara – assisti na tv uma matéria sobre câncer de estômago. vê se você se alimenta direito. pensa numa doença que faz a pessoa sofrer... perde muito peso, e a pessoa fica com os ossos expostos na pele... sei que pra tua profissão ia ser ótimo - risos - mas estou falando sério mesmo... e se cuida com a ansiedade. tira um tempo e vai na terapia.

kelly – ps. 18 – vi o pedro estes tempos atrás. ele perguntou de você, meio tímido. parece que nunca se recuperou de fato. me contou que acabou de abrir um restaurante de gastronomia francesa no são francisco. quando tiver um tempo vou conhecer, se minhas dores nas costas deixarem, claro.

uyara – quando você chegar a essas alturas, sempre se

lembre que o que você realmente precisa é de um bom par de sapatos.

kelly – ps. 25 – a cafeteira de casa quebrou. tenho experimentado todos os tipos de chá... promete pra mim não perder tempo com as coisas pequenas e chatas e complicadas e grandes e cíclicas e pesadas e leves demais e muitas vezes retomadas e muitas vezes relevadas e muito delicadas e tão destrutivas e...

uyara – estamos só de passagem...

kelly – quando você estiver sozinha em casa, tente, por favor, fazer algo que você não faz há muito tempo!

uyara – quando eu era criança, eu tinha inveja, muita, muita inveja das crianças que sabiam dar estrelinhas. então, durante um longo período da minha infância, quando terminava a aula, eu saía correndo pra casa e fazia rapidamente o dever. depois disso, um longo ritual: pegava o colchão de solteiro da minha cama, forrava com dois ou três cobertores grossos e colocava tudo no meio da sala de tv. eu ficava ali cerca de três ou quatro horas todos os dias tentando, lentamente, perceber o que eu deveria fazer com o meu corpo pra que eu conseguisse fazer uma estrela perfeita. eu tinha muito medo de machucar o pescoço, então eu ia com calma. lembro até hoje dessa época, meu corpo ansiava por isso: suor, pequenos espasmos, respiração ofegante, medo, mas muita, muita vontade... primeiro a mão direita, depois a esquerda, depois a perna esquerda, então a direita e pouco a pouco eu ia me jogando, levantando o quadril, cada vez mais para o alto...

kelly – eu desejei estudar dança, e eu fui, eu realmente estudei, eu realmente me dediquei muito. eu abandonei todas as coisas ou qualquer coisa que eu tinha de seguro pra isso. eu, obsessivamente, desejava o movimento certo, eu ficava horas e horas no ensaio para que aquele pliê, tombé, padédé e etc. fosse executado com perfeição. mas pense em todas as coisas que eu deixei pra trás para que eu pudesse me dedicar

inteiramente à dança... pense nas festas que eu deixei de ir, nos abraços que eu deixei de dar, no tempo que eu deixei escapar entre os dedos! pense no grande amor da vida que eu deixei passar porque eu precisava me dedicar à dança. pense na quantidade de mãos que eu tive que dizer à vida. esta sou eu! (*silêncio*) pense nas viagens que eu deixei de fazer, naquele doce, divino, que eu não comi... tudo isso para que um movimento no meu corpo fosse feito de maneira magistral!!!

agora pense que eu que escrevi esses ps's todos, todos esses envelopes que temos aqui nesse espaço. pense que agora eu tenho 60 anos e que eu parei de dançar porque fiz uma cirurgia grande no joelho e eu tenho uma doença grave no estômago por conta de toda ansiedade e perfeccionismo que carreguei a vida inteira.

hoje, aos sessenta anos, eu ainda tenho um movimento guardado no corpo. plié, tombé, patedé... esses movimentos ainda estão no meu corpo, eu ainda sei como fazê-los, mas não consigo mais executar... não adianta mais olhar fixo, dar impulso para o movimento. o corpo não responde mais à memória. imagine a quantidade de beijos que eu deixei de dar e esses movimentos todos que eu não consigo, não posso mais... nunca mais...

uyara – até que um dia, depois de muito tempo treinando em casa, eu cheguei na escola pra mostrar pras minhas amigas a estrela perfeita que eu tinha, finalmente, conseguido fazer. eu respirei fundo, olhei para um ponto fixo no chão e todos os movimentos saíram perfeitos, milimétricos. elas mal olharam o meu grande feito e já ficaram envergonhadas e bravas comigo. agora eu deveria me comportar como uma mocinha. o que mais interessava então era o olhar de canto do aluno novo da nossa turma... mas, mesmo assim, eu lembro até hoje todos os movimentos que eu aprendi pra fazer a estrelinha. primeiro a mão direita, depois a esquerda, depois a perna esquerda... mas nunca, nunca mais eu dei uma estrelinha na vida!

kelly – quando você estiver sozinha em casa, tente, por

favor, fazer algo que você não faz há muito tempo!

ps. 51 – antes que te dê na telha, já aviso: a viagem pra roma foi terrível. impossível chegar até a fontana di trevi.

uyara – tem um livro que você nunca vai conseguir terminar de ler. muito grande, muito difícil! mas tem um trecho no fim do livro em que a personagem feminina principal diz coisas incríveis. leia, por favor, o quanto antes!

kelly – ps. 53 – diga mais sins. queira mais sins!

uyara – ps. 54 – pare com essa obsessão com a europa e faça pequenas viagens. a cidadezinha vizinha pode te surpreender.

kelly – se importe menos com o que outros acham de você.

uyara – vá naquela reunião do budismo que os seus amigos sempre te convidam.

kelly – ps. 60 – medite mais.

uyara – ps. 61 – vá mais ao cinema.

kelly – ps. 62 – tire um tempo pros seus amigos. dê risadas altas. beba cerveja barata no boteco da esquina. seja menos exigente consigo mesma. chegue atrasada em reuniões importantes porque precisou muito mesmo dar um mergulho no mar. ganhe mais tempo observando mais o mar!

uyara – se arrependa um pouco menos. talvez isso possa mudar algumas coisas quando estivermos mais velhas. se arrependa um pouco menos. talvez isso sirva pra mim ainda hoje, agora... será que ainda dá tempo?

kelly – ps. 65 – pare de dizer não para a vida.

uyara – nunca se envergonhe de quem você é. e tente sempre mudar de opinião sobre as certezas da vida. brinque mais com as crianças...

kelly – não se importe se o seu pé está sujo demais.

não se importe se sua melhor amiga não ligou no seu aniversário

não se importe se aquele coreógrafo não gostou do seu plié

se importe menos com as coisas pequenas da vida...

(silêncio)

eu vi o pedro esses dias,

uyara – ele tá grisalho e elegante. não deixa ele passar despercebido. não se arrependa depois, como eu me arrependi.

kelly – por que você não ficou com o pedro?

uyara – porque ela não ficou com o pedro, a personagem, não ficou com o pedro.

kelly – tá, por que ela não ficou com o pedro?

uyara – uai, sei lá, porque eles de repente não tiveram uma história fácil...

kelly – mas ela não falou isso. que queria ter dois filhos, queria viajar muito ainda...

uyara – ai, ela falou, mas precisa ter coragem pra viver tudo isso.

kelly – mas ela não ama, não pode. quem ama vai atrás.

uyara – tá, mas a gente não sabe da história deles, da quantidade de coisas que ela ia ter que deixar de lado, a dança... é... a dança... vai que é isso, bem assim... e se de repente ele disse que ela tinha que escolher. pra ela escolher entre a dança e ele. e ela queria a dança, mais do que qualquer outra coisa, mais do que ele, é óbvio. então ela estava focada nisso, dedicada a isso. e talvez ele nem tenha dito nada disso, mas ela simplesmente soube. que era uma questão de escolha, só que não. nunca houve escolha. a dança. uma não escolha.

kelly – mas as pessoas que se gostam, que amam de verdade, elas conciliam as coisas.

uyara – mas e se ela tivesse medo?

kelly – medo do quê?

uyara – porque gostar de alguém é uma coisa meio pânico, eu quero dizer, a gente fica meio possuído, é horrível, porque essa pessoa vira uma coisa enorme em você, e você perde o controle, entende? você perde completamente o controle, você não consegue focar em outra coisa, você só pensa na pessoa, na droga da pessoa, e daí você vai dormir e você não consegue pegar no sono, porque você fica na cama fritando, pensando no que essa pessoa pensa sobre você, ou se existe alguma reciprocidade, e se essa pessoa poderia te dizer sim... ou se ela diria não. e só de pensar nesse “não” você pensa na ponte mais alta que existe na sua cidade, e se num sábado à noite essa pessoa resolve fazer alguma outra coisa que não seja com você, sim, porque você junta toda a coragem que existe no seu corpo, no mundo, e faz um convite. e se essa pessoa resolve fazer outra coisa, você sente uma espécie de vontade de morrer por uns minutos, porque de repente ela, essa pessoa, virou a coisa mais importante da sua vida e esse “não” vira o eco mais dolorido do mundo, mais dolorido do que um estalo, e é tão ridículo e você sabe que é tão ridículo, mas ainda assim você não consegue dormir. e no outro dia, ao invés de focar no seu trabalho, sim, porque você tem um trabalho, você tem e-mails pra responder, você precisa responder e-mail, ligações, no lugar de fazer tudo isso, o que você faz? hem? você faz o quê? você coloca o nome dessa pessoa no google e fica procurando possíveis aparições dessa pessoa no youtube...

kelly – por que o pedro estaria no youtube? tipo...

uyara – e quando você percebe já tá quase na hora do almoço, ou sei lá, daquela reunião importante em que você precisa levar aquele relatório mais importante ainda... e o que você fez? você ficou procurando a merda da pessoa na merda do google, você não entende? gostar de alguém é tipo ser

invadido por um tsunami, e não é bom. você já viu uma foto de algum lugar que tenha sido invadido por um tsunami? não é bom. você já viu a zona que fica? cai tudo, tudo fica aos pedaços, tudo fica quebrado, sujo... tsunami, já viu? não é bom! a cidade vai pro chão! agora pensa que você é essa cidade, como isso, em você, pode ser bom? pânico, amar alguém é pânico. amar alguém é tsunami. é você ali. e seria totalmente compreensível se fosse por isso, se ela, a nossa personagem, tivesse medo do pedro.

kelly – você tá falando de você, sem parar, há uns cinco minutos mais ou menos.

uyara – não, eu tô falando da personagem.

kelly – nesse caso, a “personagem” é burra.

uyara – eu não sou burra, quer dizer, ela não é burra. você fala isso porque você nunca amou de verdade.

kelly – eu não amei de verdade? que que você tá falando de mim? eu amo de verdade, e eu já sofri muito, mas soube encarar todos os meus problemas como desafios... e eu não desisti de nada! nada! eu vivo tudo plenamente e de maneira organizada. eu concilio o meu trabalho, as minhas viagens e o meu relacionamento. eu faço isso tudo e estou extremamente satisfeita. eu tenho uma agenda ótima, completamente organizada para que eu possa dar conta de tudo que é necessário, inclusive de lidar bem com um relacionamento. é só uma questão de otimizar o tempo e as prioridades...

então nem vem com essa de que eu nunca amei de verdade, porque pra mim quem nunca amou de verdade foi você, a personagem, a personagem. quem ama, quem ama mesmo, não desiste assim, né?

uyara – mas a vida dela pode ter tomado outro rumo e esse rumo não inclui mais o pedro, não é desistir...

kelly – não, ela teve boas oportunidades pra ser feliz,

mas o que que ela escolheu foi não ser feliz. talvez o pedro nem seja o único, talvez ele seja só o mais lembrado porque foi o mais idealizado. e idealização não é amor. mas é uma coisa que pode te perseguir pro resto da vida, ainda mais se todas as suas escolhas forem erradas... e o que sobra?

uyara – não sei...

kelly – sobra uma solteirona, velha, capenga...

uyara – você tá falando isso de mim?

kelly – não, você não é velha.

uyara – sério isso?

kelly – olha, você é quem quis falar de mim, com esse papinho de que eu nunca amei... você não consegue nem arranjar um namorado pra si própria e quer julgar o relacionamento de alguém que nem existe... fala sério. você não quer falar sobre esta peça, sobre esta personagem, propor uma discussão ética-sócio-cultural-psicológica. não! no fundo, ou nem tão no fundo assim, você só quer falar de você mesma. e isso é patético.

(uyara joga água na cara da kelly)

kelly – solteira! fracassada!

(kelly sai)

uyara – bom, vocês não precisam se preocupar, porque tudo isso já estava no roteiro. as duas atrizes tem uma pequena discussão e acabam se envolvendo demais e acabam brigando e então uma delas joga um copo com bebida na cara da outra, que sai. deixando a outra atriz sozinha que então explica que vocês não precisam se preocupar. tudo isso está no roteiro. elas brigam. copo com bebida na cara. atriz sai. vai embora. mesmo. e a atriz que fica se pergunta como continuar sozinha. nisso, ela se dá conta do quão sozinha está e decide que o melhor é contar uma pequena história pessoal. e de novo, eu asseguro a todos, isso está no roteiro. no roteiro eu, ela, a atriz, diz:

uma coisa recorrente na minha vida é que sempre que eu termino com alguém essa pessoa encontra o amor da sua vida. eu já tive vários namorados. e eu já terminei com vários namorados. eu sou solteira. estou solteira. mas sem problema nenhum, eu acho ótimo ser solteira. mas, enfim, eu terminei com vários namorados, e imediatamente após o nosso relacionamento eles encontraram pessoas incríveis e se casaram com essas pessoas incríveis. eu termino com alguém e é batata, essa pessoa vai casar com a primeira pessoa que dobrar a esquina. e todos eles estão lá, felizes com suas mulheres, fazendo jantinhas para os amigos e subindo montanhas e atravessando mares e eu, eu tô solteira. mas tá tudo bem. eu tô ótima.

kelly – ai, gente! acho que eu peguei pesado antes. eu não devia ter te chamado de solteira. não fica assim... eu sei como arrumar tudo. eu vou achar um namorado pra você hoje, aqui na plateia. dá uma luz ali na plateia, por favor. oi, olha só pessoal, essa é a uyara. ela é uma atriz de 30 anos, muito trabalhadora, uma boa amiga, tem ótimos amigos, sabe cozinhar, é divertida, inteligente, sagaz... independente, aliás essa é uma característica muito, muito importante na nossa época, as mulheres devem ser independentes e correrem atrás do que querem. por exemplo, na literatura, nós temos ótimas personagens que são incríveis assim como a uyara: capitu, dona flor, tieta, ray, medeia, penélope, maria madalena, mulher maravilha, sheera, molly bloom...

(uyara, meio emburrada, ajuda com nomes de mais mulheres da ficção.)

enfim, a uyara é ótima! ela é uma mulher forte, incrível, sabe muito bem o que quer da vida... enfim, tudo isso e muito mais. mas ela tá solteira. e isso é o que falta pra que ela fique completa, certo? afinal, toda mulher independente precisa também de um relacionamento, certo? mas olha, só pensem que na pior das hipóteses vocês vão ficar com ela por algum tempo e já na sequência vão conhecer o amor das suas vidas.

ou vão ficar com ela mesmo. o que também é bom. olha, tem um, dois, três... 12 rapazes interessados em você. bom, nós já gravamos as carinhas de vocês e se algum de vocês tiver uma chance ela vai falar com você no final da peça. neste momento precisamos continuar aqui.

uyara – ps. 53 – tem um apartamento lindo na barra. eu sei que você não gosta do rio. mas algum dia todo mundo se rende... tem um espaço ótimo pra um pequeno jardim. aquela ideia com o manjerição, salsinha, orégano, alecrim e hortelã e capim-cidreira e tudo mais vai acontecer ali, tenho certeza.

kelly – ps. 68 – o mar nunca é demais.

uyara – fui na emergência ontem.

tem tanta poeira sobre os móveis e a diarista não vem faz 3 semanas. será que devo procurar outra?

kelly – ps. 69 – lembre-se de nunca sair de casa sem batom vermelho.

uyara – tenho vomitado muito ultimamente. mas não se preocupe que a medicação ainda está fazendo efeito...

ps. 78 – queria colocar aquela moeda da sorte no meu porquinho. até agora ela não me deu sorte nenhuma.

kelly – o pedro está cada dia mais grisalho...

ps. 84 – não desconsidere os meus conselhos, ok? essa foi a única maneira que eu achei de tentar mudar algumas coisas...

uyara – pelo amor de deus não esquece de ir ao terapeuta. a gente se arrepende de muita coisa nesta vida. mas se você está lendo atentamente esta carta, alguma coisa, eu te juro, vai mudar.

kelly – tudo está no passado.

uyara – tudo está no passado.

kelly – *(olhando para o relógio)* 20 horas, 40 minutos e 37, 38, 39, 40, 41, 42 segundos...

uyara – você acredita que alguém possa realmente modificar o passado?

kelly – definitivamente não...

uyara – mas estes envelopes todos, esta tentativa enlouquecida de avisar a si própria do que poderia ter sido.

kelly – isso tudo é só poesia.

uyara – mas quando alguém, a nossa personagem, escreveu esses ps's todos nesta máquina de escrever... há algo que possa ser modificado, no momento em que eu penso sobre isso.

kelly – nada pode mudar o passado!

uyara – nem mesmo a falta de memória? (*silêncio*) ou então o meu repúdio por alguma lembrança, vontade de esquecer algo...

kelly – eu não sei onde você quer chegar com isso.

uyara – ok... é... escreve aqui nesta máquina, alguma memória nossa!

kelly – (descrente) como assim?

uyara – escreve.

kelly – ok.

uyara – agora leia pra mim:

kelly – eu e você num dia muito, muito frio em curitiba tomando chá de hibisco e acariciando o seu gato, falando da minha viagem pra roma e das pessoas que eu conheci.

uyara – você escreveu que nós bebíamos chá do quê?

kelly – hibisco.

uyara – não era hibisco.

kelly – claro que era.

uyara – não era...

kelly – eu nunca teria escrito chá de hibisco se não fosse...

uyara – eu sou alérgica a hibisco...
(*silêncio*)

kelly – (*para a plateia*) você realmente acredita que uma máquina de escrever pode modificar o passado?
(*música, ou ação sem fala*)

uyara – larga de preguiça e vai ensaiar mais. você sabe que tem algo diferente e que consegue mais trabalhos por conta disso. mas corpo é corpo, um dia ele perece. e naquele dia que eu fui saltar, meu joelho estalou. a cirurgia vai dificultar algumas coisas pra você, e quando você, que sou eu, assim, velha, quando você chegar nessa idade, a nossa idade... a gente se arrepende de não ter se dedicado mais. eu, você, a gente perece...

kelly – ps. 87 – uma certeza ainda é certa: a dança não te deu nada de graça. mesmo assim, eu não duvidei,

uyara – e eu sei bem que você também nunca vai duvidar. é uma opção, mas não. são sempre não escolhas.

ps. 88 – come menos bolacha recheada e mais pão.
tome menos café. impossível.

kelly – ps. 91 – impossível, completamente impossível ficar parada. impossível alcançar a luz. impossível permanecer na luz. impossível estar acordada e ativa o tempo todo.

uyara – as palavras são uma máquina do tempo. todas elas mudam o passado.

kelly – as palavras são uma máquina do tempo? todas elas mudam o passado?

uyara – você parece ainda não estar convencida!

kelly – ps. 41 – nada pode ser feito sem vontade própria.

uyara – oi?

kelly – ps. 7 – aquilo que vivemos estará para sempre

gravado na memória do mundo.

uyara – gente, o que ela tá falando?

kelly – ps.15 – os ps's são pequenas idealizações. cada um tem as suas.

uyara – (observa tentando entender)

kelly – por exemplo (*abre um envelope*)

ps ??? da nossa diretora nina rosa

....

ou o do nosso produtor, marco novack

...

aqui, por exemplo, um ps seu, leia!

uyara – ...

kelly – eu tenho pequenas frustrações, pequenas idealizações, pequenas e grandes cicatrizes, e isso são marcas do meu passado, fincadas no meu corpo.

só ontem eu quebrei a perna três vezes.

hoje eu levei um soco da minha colega de cena e meu nariz ficou deformado.

eu levei um banho de água fervente quando era criança.

eu tenho um coração partido.

eu esmaguei meu dedo na porta do meu primeiro carro.

eu tenho dores de cabeças cotidianas.

aqui no meu punho eu tenho a marca de sol do meu relógio.

eu nunca, nunca esqueço meus compromissos.

e isso tudo eu levo comigo.

eu tenho manchas de acne da adolescência.

e algumas marcas de catapora.

há três horas atrás eu recebi um telefonema e chorei por três horas. meus olhos ainda estão inchados e vermelhos...

eu carrego mentiras que vivi, que inventei, que me contaram, que eu acreditei.

aquele trabalho que eu achei que seria incrível.

uyara – aquele olhar de aprovação que eu esperava receber dos meus pais

kelly – aquele beijo que achei que receberia de você.

uyara – aquele aplauso da plateia, que se transformou em vaia

kelly – aquele giro, aquele movimento que eu guardo no meu corpo e que nunca, nunca mais poderei executar.

(música em fade in. as lembranças que kelly e uyara elencaram anteriormente se misturam. música alta. caos.)

uyara – ontem eu peguei catapora e estou com o corpo cheio de feridas

kelly

eu tenho uma marca no joelho de quando prenei na porta do meu primeiro carro

uyara – ontem eu quebrei um pouco mais um coração partido

kelly – e tenho dores que eu esperava receber dos meus pais

uyara – aquele olhar de aprovação da marca de sol do meu relógio

kelly – hoje eu levei um telefonema da minha colega de cena e tenho dores de caças cotidianas

uyara – e meu nariz ficou inchado e vermelho

kelly – eu tenho manchas de olhos da adolescência

uyara – ontem eu peguei catapora e estou com o corpo cheio de feridas

kelly – e tenho dores que eu esperava receber dos meus pais

uyara – aquele olhar de aprovação da marca de sol do meu relógio

kelly – eu tenho uma marca no joelho de quando presei na porta do meu primeiro carro

uyara – e meu nariz ficou inchado e vermelho

kelly – eu tenho manchas de olhos da adolescência

uyara – eu carrego mentiras que vivi, que inventei, que me contaram, que eu acreditei.

kelly – eu carrego mentiras que me contaram, que eu vivi, que eu acreditei, que inventei.

uyara – que vivi

kelly – que eu acreditei

uyara – que ela me contou

kelly – que ela inventou

uyara – as mentiras que eu contei hoje

kelly – as mentiras que nós contamos hoje

uyara – que eu acreditei

kelly – que eu acreditei

uyara – e que você todos acreditaram

uyara – que vivi

kelly – que eu acreditei

uyara – que ela me contou

kelly – que ela inventou

kelly – e que a gente vai carregar pro resto da vida.

uyara – aqui no meu punho eu tenho a marca de sol do meu relógio.

kelly – mentira, quem tem sou eu.

uyara – eu posso ter também, se eu quiser.

(música vai baixando)

kelly – este relógio que eu carrego como uma bola de prisão, um peso no meu punho esquerdo.

(kelly olha para o relógio e vê as horas)

kelly – 8 horas, 57 minutos, 12, 13, 14, 15, 16 segundos...

(silêncio longo)

kelly – pronto. acho que já foi o suficiente. já contamos mentiras demais por hoje. *(pergunta pra plateia)* eu posso tirar este relógio? *(vai tirando o relógio lentamente, enquanto vai falando)*

não sei, eu acho que eu tenho que dizer pra vocês alguma coisa que eu penso. porque eu não posso, afinal de contas, fazer um trabalho e dizer um texto (que nem é meu) pra um público, pessoas, que são vocês... coisas que eu não acredito...

por exemplo: eu acho detestável alguém que só sabe se lamentar, sabe? chega do lado, e começa: "puxa eu queria tanto que tivesse dado certo, queria ser mais forte, eu nunca consigo o que eu quero, mas sempre tô doente, não arrumo trabalho e tô sem dinheiro..."

porra! tá na cara né que se você se esforçar um pouquinho mais, mudar a chave... a coisa melhora, né? já ouviu dizer que reclamação afasta a boa sorte?

sabe? então é disso que eu quero dizer, que a oportunidade pra todas as realizações da sua vida, até as mais magicamente impossíveis estão dentro de você!! não no outro!!

outra coisa, vocês já viram ele no começo da peça... aquele que a outra atriz fica ali atrás na luz paradinha, contando o quanto teria sido feliz ao lado do tal do pedro... que aliás nunca aparece, e eu vou confessar que eu nunca nem consegui imaginar a cara desse cara... e ela meio que fica ali, sonhando com uma coisa que não aconteceu, sofrendo gratuitamente!

vou dar um exemplo dessa personagem:

seu celular toca, você olha, e é aquele número, é aquela pessoa, é aquela pessoa do google, é aquela pessoa que faz você perder as noites de sono, e toda sua racionalidade

existencial!! sua mão sua! seu coração sai pelo nariz!! mas o que você faz?

você não atende.

aí, você, ou essa personagem, culpa o joelho, culpa o emprego, culpa a dança...

por que? por que que ela, essa personagem, deixou cada um daqueles 78 corações espalhados e espatifados mofando em meio a uma vida inteira de não escolhas.

por exemplo, ontem, ontem eu escolhi!!!

a gente teve uma puta briga, uma puta briga!

ele gritou!! eu berrei!! ele gritou... eu berrei mais ainda!!

mas, aí, ficou um silêncio,

e ele me abraçou,

e normalmente eu teria ficado de braços cruzados, gélida, intacta.

mas eu escolhi abraçar.

e depois, cruzar nosso olhar, e abraçar...

não é fácil, é vida real

mas é preciso escolher, agir

é preciso não ser uma mosca morta

eu preciso ser, vivenciar, dilatar os meus desejos

porque depois é sempre um novo dia

porque você cansa, dorme, chora e esquece.

e sim tudo é escolha, não lembrar também é escolha

e assim é amar: é viver!

é às vezes tomar remédio pra se acalmar, porque o chá não tem mais efeito ou grudar nessa pessoa que nem um carrapatinho embaixo da coberta, atravessar os mares, os rios e subir as montanhas, regar as plantinhas secas, fazer nossa jantinha quase vegetariana tomar duas garrafas de vinho sem deixar fresta na cortina e dançar!

...

nós dançaríamos sozinhos na nossa sala e seria como se um silêncio nos dissesse que seríamos livres, que seríamos felizes, e que seria simples, tão simples, e é assim.

bom!

às vezes nem tanto, mas é!

e talvez eu nem seja tudo isso que eu disse, mas é assim!

uyara – você parece ter uns quilos a menos agora

kelly – esse relógio no pulso pesava demais.

uyara – existem outras coisas que pesam feito bola de prisão

kelly – um relógio, um relacionamento, um trabalho, as coisas todas que compramos...

uyara – esta coleção de vinil, por exemplo,

kelly – as caixas todas que empilhamos no quartinho da bagunça.

uyara – carregadas de lembranças

kelly – que às vezes pesam tanto...

(silêncio. kelly liga o vinil)

uyara – ps.107 – guarda bem aquela receita de bolo de banana com linhaça e aveia que você copiou do livro de receitas da joane em paris, ok? você vai procurar muito um dia, e não vai achar. até hoje eu penso no gosto... sinto saudade daquela viagem.

ps.125 – o verão é realmente a coisa mais incrível do universo. ganha até do frio.

ps.123 – ouça o disco da piaf o quanto antes. você vai perceber algumas coisas que eu demorei pra perceber... isso pode mudar nossa vida. eu, você vai deixar de fazer algumas besteiras por conta desse disco.

ps.135 – deixe sempre os cabelos compridos. na velhice, você não vai ter muitas opções mesmo sabendo que o nosso rosto fica ótimo com um channel.

kelly – ps.135 – reli os ps's e lembrei daquele poema que dizia: "poeira dançando no feixe de foco que parecia poesia e pouco verso". sei que você ama...

ps.135 – o pedro te ligou muito e você não atendeu. eu te suplico, não deixe passar...

uyara – ps.136 – impossível permanecer na luz. impossível ficar parada na luz. impossível permanecer no presente. impossível permanecer parada.

kelly – os. 138 – estamos só de passagem...

uyara – ps. 139 – a gente é poeira.

penélope

ela – sim.

como mensurar este momento?

como ter ideia, alguma vaga ideia, do que acontece aqui, agora. como poder tocar, conscientemente, a história de alguém... como cruzar e mudar, ou não, a vida de alguém?!

eu tenho 35 anos, vivo sozinha, pago todas as minhas contas e não tenho a menor noção da quantidade de pessoas que eu já amei, que eu já odiei, que eu já gozei, respirei, maltratei, fiz rir, chorar, ou fui indiferente...

como saber algo desse momento, esse exato momento em que você encontra alguém.

esse momento em que algo acontece, algo muda.

como ter a exata noção sobre essa faísca, esse minuto, segundo, que dizemos sim.

ou não para alguém. que falamos ou silenciemos, que machucamos ou abraçamos...

como escolher o que fazer nesse momento?

como mensurar o que essa escolha vai gerar?!

esse pequeno momento em que você mata uma formiga entre os dedos, ou quando você fica parado vendo alguém partir.

como olhar o cardápio de um restaurante e escolher algo que vai fazer aquele assistente de cozinheiro ser demitido ou promovido.

como escolher?

como perceber que, de repente, o destino de duas pessoas que se encontram, o destino, o futuro, o próximo segundo, ou mesmo o passado, será modificada a partir do que iremos fazer agora. do que eu vou fazer agora.

como saber o poder desse momento ou qualquer momento da nossa vida.

a gente presencia tantas ocasiões importantes da vida de tanta gente, mas como saber o peso de uma situação que parece insignificante, mas que pode, daqui um

tempo, mudar completamente o rumo das coisas todas... como escolher o sim sim.

sim si, sem ter a certeza de que isso não vai causar um desastre, ninguém vai chorar, se jogar de um prédio ou então como ter a certeza que isso não vai causar uma avalanche que vai soterrar aquele vilarejo no polo norte.

you sabe alguma coisa sobre esse momento?

agora,

neste momento,

em que estamos aqui, nesta situação.

estamos tentando insistentemente nos reconectarmos...

eu, vocês, nós

e ele.

ele também.

ele está feito uma pedra. eu, permitindo ser sempre esse sim, sim não sei ao certo como agir. mas tudo bem. a gente descobre no caminho. no caminho.

mas ele ainda não chegou.

eu estou sozinha, sentada nesta cadeira, percorrendo livremente os pensamentos, mil pensamentos, viajando no que o meu corpo convida, dentro

dessas sensações que são também pensamentos. você acha que tem como separar isso que a gente diz ser razão? que é um cérebro que é também esse corpo. cérebro é química, trocas químicas, assim como o orgasmo ou a digestão de um alimento. você acha que tem como separar cérebro e coração? parecem ser tão diferentes, mas dizem sim, o tempo todo, aos encontros, às trocas. estão sempre abertos à...

(ele entra. ela se assusta.)

ela – oi,

eu achei que você não viria, você não me respondeu nada...

é... você está bebendo o quê?

eu tô na água com limão. você tá tomando coca-cola?

você ainda toma coca-cola todo dia?

eu conheci um rapaz que tomava coca no café da manhã, acredita? eu não consigo imaginar como isso pode acontecer com uma pessoa. eu não suporto pensar num café da manhã que não seja um pedaço de pão e uma xícara de café...

ele – eu, tomando negroni.

ela – ah... sim,

eu também deveria, eu acho...

eu cheguei ontem à noite. ainda estou um pouco confusa por conta do fuso horário, mas logo eu me acostumo. então me desculpa esta cara de cansaço...até acho que é essa a minha cara normalmente. a gente envelhece, não é mesmo...

eu estou feliz por estar aqui.

ele – está?

ela – sim. estou.

ele – surpreendente.

ela – não me entenda errado. é claro que estou triste pelo que aconteceu com ele, com você, com a gente... mas eu estou feliz sim de te encontrar, de poder te ver... olhar nos olhos.

ele – já se passou uma semana, um mês, um ano, dez anos. você não precisa mais ficar se lamentando...

ela – eu não consegui vir antes.

ele – do que exatamente você está falando?

ela – eu...

ele – eu preciso resolver algumas coisas com você em relação à casa, pegar assinaturas, dar baixas em alguns documentos, resolver a melhor forma com o advogado. eu vou marcar com ele e te digo onde e quando. não são muitos papéis, mas é necessário. você tem uma conta bancária?

ela – eu não preciso...

ele – eu vou pagar a sua parte da casa.

(um ano passa.)

ela – um dia eu precisei fazer a assinatura num documento, era um documento pro governo, uma solicitação de permanência no país, eu não queria ficar ilegal, nunca fiquei em país algum. era necessário assinar o documento e ir até o prédio do governo, sempre grandes prédios, históricos, muito formais... e os funcionários também. um senhor dava as informações na recepção: bigode aparado, terno, gravata, o sapato engraxado. ele tinha a idade do pai... não importava o país, alguns mais outros menos, mas em todos eles eu era uma estrangeira. em todos eles, quando eu chegava, eu era estrangeira. tem o lado ruim disso tudo, de não conseguir pertencer verdadeiramente a nenhum lugar, não se reconhecer nas cidades... mas também tem o lado bom. eu era estrangeira e por isso podia começar uma história completamente nova. uma nova profissão. frequentar lugares diferentes. fazer novos amigos. às vezes pessoas que não tinham nada a ver comigo. ouvia outras músicas. inventava novos apelidos.

mas em todos, todos os lugares, eu era estrangeira.

e, por isso, em todos os países, um papel diferente, e mais uma assinatura. tudo bem, era comum, precisava ser assinado. essas burocracias que existem em todos os lugares, sabe? você entende?

mas um dia eu estava com uma dor muito forte na mão direita. fiquei horas tentando assinar com a outra mão, mas não deu muito certo. eu fiquei lembrando daquela vez que o pai sentou a gente na mesa e nos disse o que era importante numa assinatura. ele dizia que se tratava mais do movimento que a mão faria do que as letras do nome. ele dizia que era necessário primeiro um movimento contínuo e leve da mão, aumentando a intensidade no fim da escrita que deveria sempre acabar com um risco forte no papel. você lembra?

foi quando ele nos levou pra fazer a carteira de identidade, você não lembra?

a gente morava naquela casa com quintal grande, a cozinha ficava na parte de fora da casa... tinha uma mesa comprida...

ele – eu me lembro.

ela – claro, eu sabia que você ia se lembrar. sim, você adorava aquela casa, adorava o jardim e os espaços... teve um dia em que você...

ele – o pai e a mãe resolveram vender, comprar uma casa menor e pagar o colégio particular quando você entrou no ensino médio.

ela – isso foi uma besteira tão grande...

ele – eles priorizavam a nossa educação. graças a isso, a gente hoje tem uma faculdade, pode ter um trabalho decente, uma vida decente.

caso a gente queira, não é...

ela – cada um sabe o que é melhor pra si...

ele – será?

ela – eu acho que sim...

e você está bem? deu tempo de organizar seu dia pra gente se encontrar? você disse que talvez não conseguiria...

ele – eu estou aqui, não?

ela – ah, sim... eu fiz algumas coisas hoje também, mas não era nada muito urgente, nada importante. então no fim acabei ficando aqui pensando, viajando, fiquei ouvindo música no fone...

não sei o porquê, mas agora eu lembrei da aninha... você lembra? nossa vizinha da esquerda. ela era magrinha, tinha os olhos fundos e escuros. ela estudava piano e algumas vezes na semana a gente escutava a música vindo da casa dela... aí... aí, você pediu pro pai pra começar a estudar violão porque você tava completamente apaixonado pela vizinha. você atormentou tanto até que ele te matriculou na mesma escola que ela. mas,

em seguida, os vizinhos se mudaram e você desistiu... você era tão desajeitado no violão, tava na cara que você não tinha o menor dom. você tinha os dedos duros...

ele – cala a boca

ela – oi?

ele – você não para de falar.

você fica aí cuspiendo esse filme de mau gosto.

ela – puxa vida, eu não queria te deixar bravo...

ele – para. para de ficar retomando essas histórias que não fazem mais nenhum sentido... eu não te conheço. eu não sei quem você é. você pra mim é uma estranha...

ela – que isso, nós somos irmãos...

ele – ah é?

somos?

então me diz: onde é que eu trabalho?

o que eu faço quando tenho horas livres?

qual é o meu filme preferido?

me diz se você sabe pra quem eu ligo quando eu quero conversar?

eu tenho namorada?

uma pessoa?

qualquer pessoa?

o que eu senti quando a mãe morreu?

você me perguntou isso algum dia?

ou ainda,

melhor,

você sabe o que eu tô pensando agora?

neste momento?

você sabe o que eu senti por ter que enterrar o pai sozinho, lidar com essa situação toda sozinho, mais uma vez?

você sabe o que eu senti quando eu tive que resolver tudo?

sabe o que eu pensei quando eu abri mão da minha vida

pra cuidar dos nossos pais?

sabe se eu queria morar em outra cidade?

sabe se eu tenho algum sonho?

você não sabe nada. nada!

não tem ideia de quem eu sou...

ela – você também não.

ele – claro que não, você não me deu esse prazer.

ela – você acha que não, mas a gente é muito parecido!

ele – ah, é? eu acho impossível! a gente é o completo oposto...

ela – a gente é parecido porque nenhum dos dois conseguiu ser exatamente aquilo que esperavam que a gente fosse.

(um ano passa.)

ela – no final do primeiro mês, eu já tinha certeza. acho que antes talvez. não era premeditado, nunca foi. sim, sim, sim, eu tinha certeza, mas queria mesmo confirmar isso tudo. sabia que quando eu entrasse naquele avião eu ia ter a confirmação que deveria ter feito isso antes. mas não foi nada premeditado.

no fim do segundo mês, a passagem já estava trocada para dois meses adiante. e, no fim do quarto mês, eu troquei por mais dois meses e depois mais dois... até que eu já não podia mais mudar a data do bilhete. aí, eu finalmente decidi. nunca mais...

mas o primeiro ano foi todo ele, um ano inteiro, sim, um eterno voltar, a cada vez que eu olhava aquele bilhete eu tinha que tomar uma decisão. e não era assim tão fácil quanto você imagina que fosse...

ele – eu não imagino nada...

ela – eu não queria que ninguém sofresse, mas também não conseguia voltar.

(um ano de espera imóvel.)

ele – quando você foi viajar, nós achávamos que era só

uma viagem... o tempo foi passando, eu não vi, eu não me dei conta. eu achei que seriam 2 meses, só dois meses. não foi bom que você tenha ido embora por tanto tempo... não foi bom pra mim, não foi bom pra ela, e não foi bom pra ele... mas eles nunca te disseram nada. eu fico pensando se algum dia você se arrependeu, se algum dia você precisou da gente e sentiu algum remorso, sofreu por estar tão longe...

(mais um ano de silêncio.)

ela – teve um momento, sim. quando a mãe morreu. sim, eu achava que tinha um porquê pra voltar. eu tava num lugar muito longe, sem telefone, sem transporte todo dia. eu trabalhava num albergue no meio de uma trilha que só tinha acesso a pé ou de barco. eu trabalhei lá por seis meses. eu tinha duas folgas por mês e levava quatro horas pra chegar na cidade mais perto. eu decidi sozinha ir pra lá. eu precisava muito. eu precisava muito ficar sozinha. ficar lá, no meio do nada. mas quando a mãe morreu, chegou um bilhete pra mim, avisando... aí, sim, eu quis muito, naquele momento era só o que eu queria, eu queria muito voltar. quando eu consegui ir até a cidade e liguei pro pai. ele estava tão tranquilo, tão sereno. ele me contou que a mãe morreu dormindo. ele me disse que ela estava bem, mas já muito cansada. eu chorei muito. então, ele me perguntou o que eu esperava encontrar em casa, perguntou se fazia sentido eu carregar as cinzas da mãe na mochila. ele sabia que eu não ia conseguir ficar por muito tempo. e por isso perguntava pra mim se fazia algum sentido voltar.

ele – ele achava que você sabia o que devia fazer.

ela – talvez eu não soubesse naquele momento, mas também, talvez, ainda hoje...

é claro que todo movimento que a gente faz na vida muda também a vida de outra pessoa. uma avalanche em qualquer lugar no planeta. mas você acha mesmo que eu ou você temos controle sobre isso?

ele – ele ficou esperando a sua chegada.

ela – eu não acho que isso seja verdade.

ele – você não estava aqui pra saber.

ela – mas ele me disse no telefone

(dois anos passam.)

ele – no começo você ligava sempre, uma vez por semana. no começo você ligava todo domingo à noite. a mãe ficava ansiosa já desde manhã, não tinha nada que a fizesse sair de casa. passeios, viagens, medo de ir na padaria da esquina ou no açougue... nada. eles ficavam plantados ao lado do telefone. até que chegou o domingo em que você não ligou.

tudo bem, você ligou no próximo, mas foi naquele momento, naquele domingo que a mãe e o pai deveriam ter entendido que você não ligaria mais. ligaria sim, mas com menos frequência. e assim continuamos, todo domingo. nenhum passeio, nenhuma viagem, medo de ir à padaria da esquina ou ao açougue e perder sua ligação. eles ficavam de guarda ao lado do telefone, todos os domingos...

é por isso que você não sabe nada do que o pai tava sentindo quando a mãe morreu.

ela – ele me encorajou a ficar. eu teria voltado se ele...

ele – você não voltou e isso foi uma escolha sua.

ela – o meu pensamento tava com ele, tava com ela e tava com você também...

ele – eu.

eu cuidei do pai, naquele momento.

eu cuidei do pai que cuidou da mãe que cuidou de você. de quem você cuidou?

me diz? de quem?

eu não entendo ao certo como eu consegui esses anos todos. eu fiquei. eu fiquei aqui e foi um peso tão grande. uma dor nas costas. no estômago. você sabia disso? eu fiquei porque era o meu dever ficar. eu cuidei. você sabe o que é isso? eu fui ao banco. eu tinha uma procuração. eu pagava todas as contas. eu ia ao mercado. e isso me parece hoje tão simples perto de

tudo o que eu fiz. eu limpei a casa. eu assisti tv. eu tentava conversar, eu juro que eu tentava... eu queria gostar de estar ali com eles. foi um peso tão grande... não era amor, nunca foi.

eu carpi o jardim.

eu limpei o banheiro. eu limpei a cozinha eu coloquei as roupas de cama pra lavar.

eu coloquei o colchão no sol pra sair o cheiro de mijo eu escutei muitas histórias de “na minha época...”

eu dei comida na boca. eu carreguei no colo. eu limpei o vômito.

eu escovei os dentes. os cabelos.

eu cortei a barba e os pelos todos.

eu paguei as contas. dei remédio.

muitos remédios.

cortei as unhas da mão. e do pé.

eu limpei a bunda.

pra logo depois ele se cagar inteiro novamente. eu disse que “tudo bem, pai, não precisa chorar” quando, na verdade, eu queria matar todo mundo.

inclusive você.

(um ano passa.)

ela – sabe, eu me apaixonei uma vez.

eu tava na praia e eu tinha acabado de conhecer um grupo de pessoas que queria ajuda pra conhecer a cidade. ela estava junto e pediu que eu a acompanhasse. eu acabei indo, por um bom tempo. eu voltei pra cidade dela, um vilarejo tão pequeno que eu nunca imaginei que eu fosse me adaptar. a gente ficou juntas durante alguns meses. eu cozinhava e vendia. pão, bolos, alguns doces... enquanto ela fazia cerâmica, vendia em pequenas feiras da região. a vida estava tão simples e tão perfeita que eu pensei que tinha encontrado um lugar. um lugar meu. onde eu me encaixava. um lugar que eu conseguia conviver comigo mesma.

teve um dia que ela voltou de uma feira e se trancou no quarto. disse que queria ficar sozinha, que precisava de um

tempo, que tinham muitas coisas acontecendo, mas que não era hora de colocar tudo na mesa. ela não era rude nunca, mas também não era uma mulher fácil.

mas isso nunca tinha acontecido antes...

eu decidi ir pra uma pensão esperar que ela se acalmasse, que as coisas tomassem o tempo que fosse preciso.

dois dias inteiros de silêncio e eu decidi voltar pra casa. quando eu voltei, eu a encontrei morta no chão da sala.

os vizinhos. a cidade inteira não acreditava que eu não sabia, que ela não tinha me contado...

ela tinha uma doença terminal e preferiu não se tratar. queria pensar que a vida pudesse seguir sua normalidade, esquecer a iminência da morte...

you já passou por isso? you, em algum momento da vida, já pensou que ficar, permanecer no mesmo lugar, seguir as regras como esperam que you o faça, seja talvez só esperar que a morte chegue?

não te incomoda a vida assim, tão previsível?

e foi depois disso que eu decidi ficar mais alguns anos sem lugar. sim, eu fiquei pensando que a passagem, o percurso, poderia ser o meu. o trânsito, a caminhada como única constância.

não, eu não preciso de motivos para ir ou vir.

ele – you parece ter pena de mim, não é? porque eu acabei fazendo exatamente o que you deveria ter feito... you é a filha, é mulher, teria mais jeito com eles, com a situação, eu não tinha ideia de como lidar com a velhice deles. mas eu fiquei, eu cuidei, eu abri mão de todas as coisas que you não conseguiu. you fugiu... fugiu dela, dele, de mim...

you fugiu das suas obrigações, you fugiu de you mesma... you é muito egoísta.

you é...

é...

(três anos correm.)

eu não consegui ir. ainda no início you me convidou,

mas eu não consegui. eu ainda não consigo. e é por isso que eu quero te pagar a casa, a sua parte, a documentação toda. eu não quero que você ache que eu cuidei dos nossos pais por conta da casa. eu vou te pagar...

ela – não precisa. eu não quero esse dinheiro.

ele – você não tem onde morar.

ela – sim, eu sei...

ele – você não tem onde morar!!!

(um ano corre.)

ela – sim, eu não tenho onde morar...

tudo bem, eu não tenho uma casa...

mas eu tenho algumas outras coisas. eu tenho um punhado de histórias, de lutas, de pessoas, de episódios, epopeias incríveis.

você quer saber por que eu fui embora? eu fui embora porque tinha um mundo inteiro lá fora dizendo vem! eu fui embora porque ninguém achava que eu tivesse coragem pra ir.

eu fui embora porque tem uma guerra lá fora me obrigando a lutar. soldados. trincheiras. canhões. cavalos de troia. eu fui embora porque eu tenho muitos, muitos, muitos sins aqui na minha boca sendo ditos a todo momento: sim eu digo sim eu quero sim.

eu fui embora porque tem uma guerra aqui dentro me chamando pra luta, me dizendo vai e não deixa ninguém te dizer o que fazer. não deixa ninguém te explicar aquilo que só você sabe. vai e não deixa ninguém te interromper enquanto você está falando. vai e luta contra seu próprio demônio que diz que você tem que ficar, assim, desse jeitinho, sem gritar, sem reclamar, sem perguntar o porquê, sem abrir as pernas, sem estudar, sem olhar para os lados, sem contestar, sem andar na rua à noite, sem escolher o seu parceiro, sem ter prazer, sem ter voz...

eu fui embora porque o inimigo estava dentro de casa, me dizendo que eu devia ficar. eu simplesmente não sou aquela

mulher que todo mundo da família queria que eu fosse.

o pai sabia. sim. ele sabia. ele sempre soube e nunca tentou me segurar. você esperava que eu me casasse tivesse três filhos cuidasse da casa e do marido e gastasse todo o salário desigual em utensílios domésticos ou em produtos de beleza. é isso que você esperava de mim, não é?

eu fui embora porque eu quis. eu não sei quanto tempo eu vou ficar aqui, eu posso me levantar e ir embora agora se eu quiser. eu posso ficar e nunca mais ir. se eu quiser...

eu fui embora porque eu tenho um relóginho dentro de mim, uma bomba-relógio que faz

tum tum

tum tum

tum sim

tum sim

sim sim

sim sim

sim sim

e é isso que me avisa a hora de partir.

qual é a lógica que você quer, que você gostaria que eu seguisse?

você é feliz?

(ele fica sentado, imóvel, não diz nada. ela olha fixamente para ele. um ano durante esse encontro o olhar dela lança-se também para todos os homens que passaram pela sua vida. ela olha para todos eles, um a um.)

como mensurar esse momento?

como ter ideia, alguma vaga ideia, do que acontece aqui, agora. como poder tocar, conscientemente, a história de alguém... como cruzar e mudar, ou não, a vida de alguém?!

como saber algo desse momento, esse exato momento em que você encontra alguém.

esse momento em que algo acontece, algo muda.

como ter a exata noção sobre essa faísca, esse minuto, segundo, que dizemos sim.

foi por conta desse minuto, desse pequeno momento de encontro, de explosão, de choque, meteoros na terra, que algumas coisas mudaram em mim, no mundo inteiro.

eu decidi ficar.

eu preferi o amor.

fiquei e vivi um bocado de coisas por aqui.

eu fiquei e adotei um cachorro

uma planta

um aquário

adotei um novo amor

fiquei e comprei uma casa

um carro

uma chácara no interior

eu decidi ter um emprego

eu decidi ser voluntária numa ong

eu quis ser médica

professora

eu quis ser empresária

bombeira

presidente da república

eu decidi ser mãe

eu decidi ser tia

ou filha.

eu decidi ser todas elas ao mesmo tempo.

fiz uma tatuagem sem pensar

depois fiz mais outra

fiz um aborto

fiz uma horta.

eu contei uma mentira

me endividei comprando coisas que não precisava

trabalhei mais do que devia para pagar contas

passei por um ex na rua e fingi que não vi

eu comi chocolate na cama

dormi com os pés sujos

eu deixei a louça sem lavar por dias

derrubei uma parede
pintei um quadro
aprendi uma nova língua
eu denunciei meu ex-marido
eu viajei por poucos dias
ou por muitos (uma volta ao mundo)
e nunca mais voltei
eu li a minha sorte nas minhas mãos
eu escrevi minha sorte
eu usei minissaia
e aceitei minhas rugas
eu raspei completamente o meu cabelo
eu comprei um fogão de 6 bocas
e um vibrador
eu fiquei
eu fui
e voltei pra depois ir novamente
e fiquei
e fui
e continuei fazendo exatamente aquilo que eu quis fazer.
exatamente
o
que
eu
queria
fazer
(ela sai. ele fica. blackout.)

o nome das coisas

a ligação entre palavras e coisas é estranha:
existem coisas que nós nomeamos e que não são. há
coisas que não são e não têm nome. existem coisas
que, são mas não existem. há coisas que não são e têm
nome. há coisas que são, mas que não têm o nome que
é necessário. há coisas que são e não receberam nomes.

(valère novarina)

regra do jogo:
esta peça só pode acontecer à noite.

cena i

há coisas que não são e têm nome

*(com o dedo indicador, a atriz vai apontando as coisas
que estão no espaço. o tempo vai se dilatando, como se ela
fosse descobrindo esses objetos.)*

gato

papel

xícara

janela

árvore

perna

privada
abajour
mesa
anel
bola
cola
mola
anel
anel
anel
peruca
mesa
caixinha de música
planta
lâmpada
planta
camiseta
livros
dedo

(listar outras coisas que estejam no espaço)

há muitos anos, muito tempo, havia um filósofo, um religioso da idade média que também foi uma espécie de linguista. ele gostava das palavras. ele gostava muito das palavras.

eu também gosto.

(continua apontando)

pé óculos luz cabelo parede mesa calça alça salsa lata mata ata barata

camerata batata salsa alça blusa musa fuça marmelo chinelo singelo otelo bruguelo farelo pão mão chupão galpão japão melão...

esse filósofo, ele acreditava que quando uma criança nascia, ela aprendia a falar com a ajuda de um pai ou uma mãe caridosa: dedo indicador firme mais um objeto mais um movimento mais um som: bola. é dessa forma que ele dizia que

a gente podia aprender a falar, a se comunicar, a conversar com alguém e ser compreendido.

(apontando seu próprio corpo)

barriga

boca

bochecha

braços

buceta

bunda

cabeça

cabelo

canela

colo

costas

cotovelos

coxas

cu

dedos

joelhos

mãos

nariz

olhos

ombros

orelha

peitos

pés

punho

quadril

queixo

umbigo

unhas

virilha

eu.

não, meu nome não é "eu". meu nome é mariela. mas eu, quando falo de mim mesma, me chamo eu. (aponta para si

própria) eu. (aponta para outra pessoa) eu? não, talvez não...

(procura nos bolsos ou na mochila que carrega uma fotografia. encontra)

por exemplo, esta foto: este é meu pai. pai. esse cara que cria a gente junto com a nossa mãe. pai. pai é um nome genérico e cada um tem o seu. então o meu pai não pode ser chamado de pai por todas as pessoas. só eu e meus irmãos temos esse poder, o lugar de fala para chamá-lo de pai. para todas as outras pessoas o nome dele é vitor.

esta do lado dele é a minha mãe. maria antônia é o nome dela. ela tem uma irmã gêmea. então essa questão da relação entre o objeto, a imagem e o som, fica um pouco mais complicada. mas ela, esta que está aqui na foto, é minha mãe e se chama maria antônia. mãe. maria antônia. ou só tuca mesmo.

este menino de shorts azul e camisa amarela é o meu irmão mais velho. ele também é pai. mas não é o meu pai. entenderam a diferença? ele é pai, mas pra mim, ele é meu irmão. o nome dele é mateus.

esta outra pessoa que está do meu lado, com a postura meio torta, com um sorriso aberto demais, uma roupa meio desgrehnada e na posição errada da foto, essa pessoa devia estar do outro lado, está no lugar errado da foto, é a raspa do tacho de três filhos que meus pais tiveram.

e esta sou eu. eu. de vestido roxo e cabelo curto. eu? mariela.

(tempo)

é engraçado essa coisa do nome das pessoas. porque até mesmo eu, algumas vezes, me esqueço que me chamo mariela. pensem só: quantas vezes por dia a gente diz a palavra eu? eu acordei. eu estou indo para o trabalho. eu estou com fome. eu preciso de ajuda. eu vou embora. eu... eu... e quase nunca dizemos o nosso nome, até porque seria estranho tratar de mim mesma na terceira pessoa. mariela acorda. mariela está indo para o trabalho... normalmente, a gente diz o nosso nome quando alguém pergunta: qual é o seu nome? e então

respondemos: mariela. seguimos essa regra, o protocolo que institui que eu sou mariela a partir do chamado cotidiano do outro. eu quase nunca digo o meu, mas as outras pessoas dizem o tempo todo: mariela, você está pronta? mariela, vamos ao cinema? mariela, qual é a sua cor preferida? mariela, como você imagina a sua morte?

(tempo)

eu me identifico como mariela também pela fala das outras pessoas, por essa convenção social que se manifesta na boca do outro. enquanto que pra mim, eu sou somente: eu.

é mais ou menos assim que se configura um nome. pela fala de outro.

(guarda a foto)

bem, agora eu espero que vocês tenham entendido um pouco mais do que se trata essa teoria que diz que a gente aprende a se comunicar com as pessoas porque a gente aprende a dar nomes pras coisas.

cena ii

existem coisas que nós nomeamos e que não são

quando você era só uma criança, a gente se dava muito, muito bem. desde quando você era um bebê, a gente brincava o dia inteiro. todas as brincadeiras possíveis.

pega-pega

bafo

barata no alto

baralho

esconde-esconde

quebra-cabeça

pula corda
pedra papel e tesoura
brincadeira de roda
amarelinha
alerta
bambolê
cama de gato
casinha.

a gente jogava mil jogos. muitas vezes as regras eram inventadas por nós. nós queríamos que assim fosse e assim era. eu, mais velha, quase nunca queria mudar as regras. você, sim. sempre contestava qualquer ponto que não favorecesse a sua altura, o seu tamanho, a sua habilidade... eu ficava brava às vezes, muitas vezes fiquei brava. mas em outras eu entendia. isso era necessário para que o jogo pudesse acontecer.

pega-pega
bafo
barata no alto
(tempo)
pra onde é que eu devo apontar, então?
(tempo)
baralho
esconde-esconde
quebra-cabeça
pula corda
pedra papel e tesoura
brincadeira de roda
amarelinha
alerta
bambolê
cama de gato
casinha
pra onde é que eu devo apontar?
(tempo)
isto é uma bicicleta.

mas ela pode ser também o seu passaporte para a liberdade.

a minha bicicleta foi a primeira forma de eu ir e vir com a liberdade que eu sempre quis, desejei. isto é uma bicicleta, mas pra muitas pessoas é também o único meio de transporte. pra muitas pessoas é um passatempo de fim de semana. pra outras, um exercício físico e pra outras, um instrumento de competição. mas uma bicicleta pode ser também um passaporte pra morte.

eu sei, todos nós vamos morrer. eu sei...

algumas pessoas vão morrer de velhice mesmo, outras de ataque cardíaco fulminante

outros afogados, uma fatalidade

algumas com alguma doença grave, um câncer...

outras pela fúria, pelas mãos de outra pessoa com uma arma de fogo ou por uma lâmpada fluorescente que te arremessam na cabeça.

ou uma faca fincada na sua barriga por um desconhecido.

ou a socos e pontapés por pessoas que você conhece bem e que deveria confiar.

a pauladas por qualquer pessoa que te ache um alvo necessário.

ou com um pequeno caco de vidro que consegue arrancar o seu coração.

(tempo)

mas tem algumas pessoas que vão morrer atropeladas numa bicicleta. eu sei, todos nós vamos morrer.

(para o público)

você tem medo de morrer? como, de que forma você não gostaria de morrer?

o fato é que fomos eu e você para o clube. estava calor, o céu azul sem nenhuma nuvem, e um desejo enorme de se jogar na piscina. a mãe mandou. sim. ela sempre mandava. ela impôs. eu só poderia ir se você fosse junto. ok. eu entendi. não odiei. "mas você pode ao menos nos levar de carro?" não. não dá tempo. e por isso fomos de bicicleta. eu no comando, dirigindo

a bike e você no cano. como irmã mais velha que sou eu ficava o tempo todo te colocando medo: você confia em mim? hein, me diga, você confia em mim? por que, olha, se eu fosse você eu não confiava muito não, eu acho que alguma coisa pode acontecer no percurso e a gente pode morrer na bicicleta. cuidado, hein, a gente pode morrer!

isso te causava pânico, desespero. e eu gostava de te ver assim, gostava dessa sensação de poder que se tem sobre o outro. é pra isso que se tem irmãos. a gente aprende cedo... nós estávamos em lugares diferentes desde que nascemos. eu era sua irmã mais velha e por isso estava no comando na maioria das situações. eu tinha alguns privilégios por simplesmente ser quem eu era. por ser diferente de você e ocupar um lugar diferente na família.

eu sei, hoje eu reconheço. nós temos lugares diferentes no mundo e eu me aproveitei disso em muitos momentos. talvez eu nem tivesse consciência desse meu lugar de poder em relação a você, em relação a ser a irmã mais velha. mas ele estava lá o tempo todo, o poder.

e foi naquele dia, naquele hoje de céu azul e calor, que eu pensei que talvez a gente pudesse mesmo morrer. eu achei que eu pudesse mesmo ter te matado. eu estava no controle, a culpa foi minha, você chorava tanto, tão alto e eu nem me preocupei comigo mesma e só quis me certificar que estava tudo bem com você. o seu chinelo enroscou na roda da bicicleta e eu perdi o controle, eu não consegui, foi mais forte que eu, a roda girou, a gente girou, eu não consegui segurar com força. eu não consegui te proteger. me desculpa, a culpa foi minha, eu sei. você gritava ainda mesmo depois do acontecido: a gente vai morrer!

sim. a gente vai morrer.

cena iii

há coisas que só precisam ser ditas para que não sejam mais

dom casmurro

100 anos de solidão

ulisses

sonho de uma noite de verão

terras do sem fim

o irmão alemão

os sertões

é claro que você sabe do que estou falando

a caixa preta

franny e zooey

o filho eterno

a primavera da pontuação

o fundo do céu

ruínas

o esculpidor de nuvens

água viva

isso são livros.

e isso que eu disse são os nomes desses livros.

mas eles também podem ser um suporte para tela de computador. eles podem ser aquilo que junta poeira na casa

aquilo que doutrina ou que liberta

aquilo que pode ser substituído por uma arma.

ou aquilo que a gente usa só quando tá na escola e nunca mais encosta. nunca mais pega. nunca mais manuseia. nunca mais mastiga. nunca mais engole. come.

aquilo que a gente doa pruma biblioteca quando ganha de herança.

há algo nesse tempo de criança que compartilhamos com essas pessoas que é bem curioso. há sentimentos tão sublimes e outros tão terríveis que só nutrimos em família. toda relação familiar é também uma relação de poder. a minha idade, por

exemplo, era uma relação de poder dentro de casa:

“não faz isso senão eu vou contar pra mãe. não mexa nas minhas coisas. não entra no meu quarto. eu sei mais que você porque eu sou mais velha. não fala com os meus amigos. não conta nada pro pai senão eu bato. eu bato, droga!”

(tempo.)

dom casmurro

100 anos de solidão

ulisses

sonho de uma noite de verão

terras do sem fim

o irmão alemão

os sertões

é claro que você sabe do que estou falando

eu fui sua professora. é engraçado dizer isso. é engraçado porque ser professora pode remeter a uma espécie de autoridade, de poder. olha aí o poder mais uma vez encontrando a gente... quando eu fui sua professora, eu aceitei esse um lugar de poder. eu queria e usei isso contra você. mas como você queria ter a mesma profissão que eu, como você queria seguir meus passos, como você queria ser eu...

(tempo.)

então eu quis punir você. eu fui dura. eu fui escrota. eu achava que podia ser assim. eu achava que devia ser assim pro seu bem.

você andava rebolando.

você gritava demais. você ria muito alto.

nossos pais faziam tudo, exatamente tudo o que você queria. você fazia tudo exagerando muito.

você tinha os gestos todos muito afeminados.

você queria ser eu. eu te odiava por isso.

(tempo.)

eu te odeio. (tempo.)

mas eu não te ensinei com livros. não. eu te ensinei com

essas três bolinhas. (faz malabares.)

viu? viu como eu sou excelente nisso? eu sou ótima nisso.

eu sou boa pra caralho. eu sou incrível.

(para os malabares.)

e você se dedicou. caralho, como você se dedicou...

malabares: check.

cambalhota: check. estrelinha: check. piadas inteligentes: check.

você se dedicou tanto e tanto e tanto e tanto e tanto e tanto e tanto... que hoje, hoje você é melhor em tudo que você se propõe! você precisa ser ótima em tudo o que você faz. às vezes isso também é um peso, essa cobrança excessiva... sim, você se dedica e você se esforça em muitas coisas. coisas que são só suas. coisas que eu também desejo. outras não. coisas que eu nem sei nomear.

cena iv

há coisas que são, mas que não têm o nome que é necessário

quando eu mudei de cidade, todo ódio que eu tinha de você, ódio só existe entre irmãos, sabe? todo ódio que eu tinha de você só aumentou. eu estava longe, precisava cuidar do pai e da mãe, afinal, eu sou a filha mais velha e toda, toda carga da separação deles estava aqui, nos meus ombros.

(aponta para o próprio corpo)

ombros

virilha

unhas

umbigo

queixo

quadril
punho
pés
peitos
orelha
olhos
nariz
mãos
joelhos
dedos
cu
coxas
cotovelos
costas
colo
canela
cabelo
cabeça
bunda
buceta
braços
bochecha
boca
barriga
eu.

eu te odiei porque durante 10 anos eu fui a caçula da família. eu era aquela que merecia todos os cuidados e atenção. eu era o centro das atenções, dos carinhos e amores. eu te odiei porque depois que você nasceu todas as preocupações se transferiram quase que instantaneamente pra você. você era especial. e eu, então, me tornei só a irmã do meio. eu sei, isso é normal em todas as famílias. perder o trono para o bebê que está à caminho é sempre um assunto corrente nas discussões entre irmãos. eu te odiei por isso também.

e eu te odiei porque você tinha 15 anos e não estava nem

aí com os nossos pais. você tinha tudo o que queria, sempre...
um dia eu odiei você porque eu cheguei na nossa cidade e você
estava usando uma calça minha. uma calça minha, caralho.
você não ajudava em nada e pra piorar você tava usando uma
calça minha.

eu odiei você.

sim, justo eu, eu odiei você.

mas eu não sei direito se eu odiei você porque você tinha
toda atenção dos nossos pais o tempo todo.

ou porque você tava usando uma calça minha.

ou porque você simplesmente não cabia naquilo que eu
queria que você fosse.

um susto.

sim, um

susto.

o ódio era um susto por não saber lidar com quem você
estava se transformando e também comigo mesma!

cena v

há coisas que são e não receberam nomes

existiu um outro filósofo que não acreditava muito que
a teoria desse filósofo da idade média dava conta de explicar
a aprendizagem das palavras. entender o significado de uma
palavra, um nome, nem sempre podia ser feito com o dedo em
riste.

Não

(pensa um pouco onde apontar. desiste.)

justiça

moda

azul
(*aponta para uma bola azul*)
ou bola?
(*tempo*)
lua!
sim, lua.

esse outro filósofo começou a perceber que o significado das palavras se dava de acordo com as regras de jogo que algumas pessoas, em determinado lugar, instauravam.

ou seja, os nomes poderiam ter significados diversos de acordo com o que eu ou você entendêssemos na nossa trajetória de vida.

por exemplo. a palavra lua.

quando falamos a palavra lua, eu posso pensar numa lua cheia, bem luminosa e grande no meio do céu. já outra pessoa pode pensar na lua como uma lua crescente, linda, bem delineada como o sorriso do gato da alice no país das maravilhas.

ou até mesmo essa lua, vista no exato momento, mas em hemisférios diferentes, norte ou sul, pode ser descrita de formas diferentes!

mas talvez a gente possa dizer que se trata do mesmo objeto. sim. mas talvez, eu disse talvez, a lua possa guardar em si mesma aspectos diferentes, formas diferentes, tornando difícil nomeá-la de acordo com a teoria do primeiro filósofo.

a lua pode ser um bocado de coisas. às vezes, a gente nem consegue ver a lua como gostaríamos. às vezes, ela está lá, inteira, plena, da forma como é em qualquer uma de suas fases. mas ela não deixa de ser a lua.

cena vi

existem coisas que são, mas não existem

eu tentei, muito, eu tentei te amar à distância. a gente se afastou tanto que eu não sabia mais quem você era. tampouco eu, nessa cidade louca, barulhenta, cheia de prédios e de gente, eu não sabia mais quem eu era. eu, a garota prodígio da família, eu, a atriz reconhecida na cidade pequena, eu, a mulher que tinha vários trabalhos na cidade pequena, de repente, foi engolida pela cidade grande cheia de prédios e de gente. essa mariela não sabia ao certo o que fazer, onde por as mãos... talvez até hoje!

(sem saber como nomear as coisas novamente, às vezes aponta, mas recua e põe a mão no bolso... parece encabulada.)

gato

papel

xícara

janela

árvore

perna

privada

abajour

mesa

anel

bola

cola

mola

anel

anel

anel

peruca

mesa

caixinha de música

planta
lâmpada
planta
camiseta
livros
dedo

(listar outras coisas que estejam no espaço.)

e foi então que, à distância, eu comecei a te amar. à distância, eu fui me vendo e por isso conseguindo te ver também. e foi então que você veio na minha casa depois de tanto tempo... você tinha acabado de voltar de outra viagem e veio feliz me mostrar todas as perucas que você tinha comprado: uma ruiva, uma cinza e uma preta. de presente, você trouxe um batom vermelho sangria. um presente pra mim. e me mostrou com tanto orgulho a sua coleção de maquiagem. eu te amei ali. essa garota, esse eu que não sabia ao certo o que fazer, onde por as mãos... essa mariela te amou naquele momento... foi ali que eu, ao mesmo tempo que fui amando essa mulher na cidade grande, esse eu que era outro, ou fase da lua, outra fase da vida, eu também fui amando esse você. a distância fez com que eu descobrisse quem eu era. e assim eu fui descobrindo também quem era você.

cena vii

há coisas que não são e não têm nome

um dia, um fim de ano, você ia sair com suas amigas e eu pedi uma carona pra encontrar as minhas. nós estávamos naquela cidade pequena que te engolia, que te faz ter medo de sair de casa todos os dias.

me responde? qual cidade não te faria ter medo?

bem, nós estávamos naquela cidade. esse lugar mais seu do que meu. você ia sair e eu te pedi uma carona. agora, tantos anos depois, quase vinte anos, nós estávamos na cidade pequena e eu te pedi uma carona no carro que antes era meu. você, claro, você disse sim porque você é doce...

nós entramos no carro, colocamos uma música legal, passamos na casa da sua amiga e estávamos a caminho do meu compromisso. nosso carro estava parado no semáforo e quando você acelerou... você acelerou.

eu achei que eu pudesse mesmo ter te matado. eu estava no controle, a culpa foi minha, você chorava tanto, tão alto e eu nem me preocupei comigo mesma e só quis me certificar que estava tudo bem com você. o seu chinelo, enroscou na roda da bicicleta e eu perdi o controle, eu não consegui, foi mais forte que eu, a roda girou, a gente girou, eu não consegui segurar com força. eu não consegui te proteger. me desculpa, a culpa foi minha, eu sei. você gritava ainda mesmo depois do acontecido: a gente vai morrer!

você tem medo da morte ainda? eu não te coloco mais medos, não te digo que podemos morrer no próximo momento. eu não te digo. mas quem te diz isso? os noticiários? os jornais? as pessoas na rua que passam te encarando, te provocando como se dissessem que você não devia estar ali? o seu vizinho de apartamento? a mulher dona da padaria que você compra pão? ou o motorista do uber que te leva pra universidade? quem te coloca medo? você tem medo da morte?

o fato é que os nossos medos são um pouco parecidos: um homem, qualquer homem, a qualquer momento do dia, de manhã indo pro trabalho, à tarde indo pra universidade ou à noite indo pro barzinho ou mesmo pra casa... todos esses homens nos dão medo. o nosso medo da morte é igual.

mas outro fato é que, não o medo, mas a morte em si é muito diferente pra nós. sim, eu sei, só agora eu sei. enquanto a minha expectativa de vida é de 79 anos a sua é de 35 anos.

nossos medos são os mesmos. mas o tempo que

convivemos, que lutamos, que resistimos a eles, não.

eu sei, todos nós vamos morrer. eu sei...

algumas pessoas vão morrer de velhice mesmo, outras de ataque cardíaco fulminante,

outros afogados, uma fatalidade.

algumas com alguma doença grave, um câncer...

outras pela fúria, pelas mãos de outra pessoa com uma arma de fogo ou por uma lâmpada fluorescente que te arremessam na cabeça.

ou uma faca fincada na sua barriga por um desconhecido.

ou a socos e pontapés por pessoas que você conhece bem e que deveria confiar.

a pauladas por qualquer pessoa que te ache um alvo necessário.

ou com um pequeno caco de vidro que consegue arrancar o seu coração.

(tempo)

mas tem algumas pessoas que vão morrer atropeladas numa bicicleta. eu sei, todos nós vamos morrer.

quando você acelerou e um outro carro também acelerou muito. nós rodamos tanto, mas tanto, que eu já não sabia ao certo o que estava acontecendo. quando paramos, você, no volante, chorava muito e o meu impulso, como aquele de anos atrás, foi te abraçar.

(para o público)

estamos vivos?

sim, estamos vivos.

(apontando)

bicicleta

maquiagem

livros

calça jeans

peruca

três bolinhas

carro

uma bola
ou a lua
uma fotografia
(tempo)
estamos vivas?
sim, estamos vivas.

cena viii

**há coisas que são nomeadas para
que elas sejam e há coisas que só
precisam ser ditas para que não
sejam mais**

(pega a fotografia que mostrou anteriormente)

por exemplo, esta foto: este é meu pai. pai. esse cara que cria a gente junto com a nossa mãe. pai. pai é um nome genérico, e que cada um tem o seu. então o meu pai não pode ser chamado de pai por todas as pessoas. só eu e meus irmãos temos esse poder, o lugar de fala para chamá-lo de pai. para todas as outras pessoas o nome dele é vitor.

esta do lado dele é a minha mãe. maria antônia é o nome dela. ela tem uma irmã gêmea então essa questão da relação entre o objeto, a imagem e o som, fica um pouco mais complicada. mas ela, esta que está aqui na foto, é minha mãe e se chama maria antônia. mãe. maria antônia. ou só tuca mesmo.

este menino de shorts azul e camisa amarela é o meu irmão mais velho. ele também é pai. mas não é o meu pai. entenderam a diferença? ele é pai, mas pra mim, ele é meu irmão. o nome dele é mateus.

esta que está do meu lado, com a postura meio torta, com um sorriso aberto, uma roupa meio desgrehada e na posição certa da foto, ela está exatamente onde ela deveria estar, ela

está no lugar certo da foto e da vida, é a raspa do tacho de três filhos que meus pais tiveram. esta é minha irmã caçula, a lua.

nós duas temos 10 anos de diferença de idade. e quando nossa mãe disse que estava grávida eu fiquei tão feliz eu estava tão empolgada e tão feliz que você viria que eu imaginei todas as situações que a gente poderia viver. imaginei sua carinha quando eu fosse te conhecer no hospital. imaginei a vida com você em casa, com todas as brincadeiras e a nossa mãe dizendo pra eu cuidar de você. eu imaginei a gente trocando segredos, confidências. imaginei a gente brigando por conta da calça jeans que eu teria que dividir com você.

mas eu não imaginei que eu poderia me decepcionar com todos esses meus desejos, meus anseios em relação à você. e quando o nosso pai falou que não era exatamente o que eu esperava, eu chorei tanto, mas tanto, tanto, e tanto e tanto...

eu não imaginei porque, de fato, eu queria muito que você fosse minha irmã. então nossa mãe deixou que eu escolhesse o seu nome. como consolo eu escolhi o seu nome. eu não sei ao certo se fui mesmo eu que escolhi ou se a minha mãe fez com que eu escolhesse o nome que ela queria. mas o fato é que escolher o seu nome era um prêmio consolação pelo fato de você nascer da forma que eu não esperava.

(aponta para o céu) esta é a lua.

(aponta para a foto) esta é a lua.

quando falamos a palavra lua, eu posso pensar numa lua cheia, bem luminosa e grande no meio do céu. já outra pessoa pode pensar na lua como uma lua crescente, linda, bem delineada como o sorriso do gato da alice no país das maravilhas.

ou até mesmo essa lua, vista no exato momento, mas em hemisférios diferentes, norte ou sul, pode ser descrita de formas diferentes!

mas talvez a gente possa dizer que se trata do mesmo objeto. sim. mas, talvez, eu disse talvez, a lua possa guardar em si mesma aspectos diferentes, formas diferentes, tornando

difícil nomeá-la de acordo com a teoria do primeiro filósofo.

a lua pode ser um bocado de coisas. às vezes, a gente nem consegue ver a lua como gostaríamos. às vezes, ela está lá, inteira, plena, da forma como é.

quando eu penso na palavra lua, eu penso em você e nessa coragem toda que você tem de ser exatamente quem você é.

a coragem que você tem de ser uma mulher forte que quebra todos os dias as expectativas das pessoas. inclusive as minhas.

quando eu penso em lua, eu penso em você e no quanto você é mimada (porque sim, você é muito mimada).

quando eu falo lua, eu fico mesmo pensando que a relação entre as coisas e os nomes é estranha. um nome é só um nome, uma convenção. mas ao mesmo tempo um nome é tudo o que somos.

nós duas temos 10 anos de diferença de idade. você foi por muito tempo a minha boneca de verdade, eu brincava de casinha com você sendo meu bebê de verdade. eu amei você de um jeito muito maternal, mesmo que de brincadeira. eu te amo, meu bebê! naquele jogo, essas palavras tinham outros significados, com regras que eu mesma inventava. e por eu brincar de casinha com você, um dia, eu achei que a culpa era minha. e pensava que se você sofresse, porque sim, esse mundo é muito cruel com você, a responsabilidade seria minha e só minha.

por muito tempo eu carreguei essa culpa, eu convivi com esse sentimento tão horrível que só nos faz mal. eu quis entender melhor o que nós vivemos juntas na nossa infância, aquilo que tivemos naquela época, aquela cumplicidade que só irmãs possuem. foi então que eu entendi, eu entendi tempo depois que amor demais nunca é o problema.

é engraçado essa coisa do nome das pessoas. porque até mesmo eu me esqueço que me chamo mariela. eu me esqueço que me chamo mariela, mas não esqueço nunca o seu nome,

lua. e então seguimos essa regra, o protocolo que institui que você também é a lua a partir do meu chamado cotidiano. eu quase nunca digo o meu, mas eu digo o tempo todo: lua, você está bem? lua, vamos ao cinema? lua, qual é a sua cor preferida? lua, como você imagina a sua vida? e você se torna lua ainda mais pela minha fala, e também pelo meu respeito e meu amor por você. falar o seu nome é também uma forma de me colocar no mundo, lua. obrigada por me dar essa chance de construir algo com você, de dizer seu nome mostrando pra quem quer que seja que todas as formas de amor são importantes.

a ligação entre palavras e coisas é estranha: existem coisas que nós nomeamos e que não são. há coisas que não são e não têm nome. existem coisas que são, mas não existem. há coisas que não são e têm nome. há coisas que são, mas que não têm o nome que é necessário. há coisas que são e não receberam nomes.

bem-vindo, adeus

oi?

oi, você taí mesmo?

né que você taí?

se mexe um pouquinho vai, deixa eu sentir.

deixa?

como faz pra controlar isso que a gente chama nosso corpo? como a gente diz, pede, implora, exige, suplica pra acontecer?

vai corpo, vai!

você é meu corpo, não?

né que você é meu corpo?

talvez sim, talvez não...

uma vez eu li numa revista, uma revista pra mulheres, uma revista que dizia que a gente nascia uma matrioska. gerações dentro do ventre. não entendi direito...

mas eu entendi que tinha mil coisas pra resolver em tão pouco tempo. coisas que me diziam essenciais. qual cor você vai escolher? já comprou os móveis? e as roupas? qual médico você está indo? e nome, já escolheu?

qual é o nome que damos pra isso que a gente sente aqui dentro? um peso enorme, dor nas costas, perda de equilíbrio e um inchaço que me faz parecer o dobro. eu te odeio. você, desconhecido do outro lado da rua. eu te odeio, mas espero que eu volte a te amar daqui a pouquinho. espera só um pouquinho, ok? espera meu corpo dizer que posso mudar de ideia.

ando mudando muito de ideia ultimamente.

tudo bem...

.

oi, você taí mesmo?

né que você taí?

se mexe um pouquinho vai, deixa eu sentir.

deixa?

você anda tão quieto ultimamente. dá até pra dormir melhor.

no começo, teve um dia que eu achei que fosse meu estômago, mas era você.

essa madrugada eu achei que fosse você, mas era o meu estômago.

mexe, por favor?

silêncio.

talvez eu precise ser mais paciente. essa espera infinita que não cabe na minha ansiedade. eu sei que o tempo é todo seu...mas não pode essa quietude toda dentro de mim. onde foram parar as revoluções? o que está acontecendo? ou será que algo está deixando de acontecer...

oi, você tá mesmo?

um medo sobe pela espinha. um medo absoluto do próprio corpo, de quem se é.

oi?

um silêncio sepulcral que me dizia tanto, que dizia que algo não estava certo. quando foi que tudo começou a dar errado? tem uma imagem estática no televisor ao alto. eu não vejo. não consigo entender o que se passa... além da imagem, também um som ausente. um som que deveria estar ali, pulsando nos altos falantes da sala.

no lugar dele, silêncio. um olhar de piedade e pena.

oi, você tá?

oi?

você se foi e nem me avisou. você foi mesmo? parece que ainda está aí...

né que você tá?

você se foi e nem me avisou.

como faz pra chorar baixinho, no escuro, sem que ninguém perceba? dá pra fazer isso? você fez isso antes de ir? você chorou? me desculpa se talvez eu não tenha te escutado...

eu tive uma falha no meu corpo. algo gangrenou. algo necrosou dentro de mim. a culpa é minha. eu não dei conta. eu não consegui. eu...

quem sou eu?

quem é você?

como separar esses limites?

eu não sei quantificar o tempo que eu fiquei ali pra entender aquela informação. um minuto? cinco minutos? meu corpo inteiro esfriou. o polo norte é o meu corpo. quem estava morta ali?

oi, você taí mesmo?

era chegando o momento. eu ia te receber.

naquele momento, teve choro, mas não era o seu. o parto em silêncio, me disseram. eu vivi isso, eu sei que eu vivi. não me lembro direito. sim, sim é claro que eu lembro, lembro tudinho. mas parece que não era eu, sabe? parece que não aconteceu. uma matrix, um universo paralelo.

eu te peguei no colo.

eu senti o seu cheiro.

(será que eu inventei isso tudo? ou será que eu nunca mais vou esquecer?)

eu vi que suas mãos eram iguais as minhas.

e as orelhas iguais às do seu pai.

eu vi.

(e se eu não tivesse te visto? e se eu escolhesse? e se eu não quisesse, se eu negasse. não quero ver. você me perdoaria?)

mas eu vi.

eu senti o peso do seu corpo. 500 gramas a menos.

mole, completamente mole.

um pouco morno. eu ainda estava viva, quente. sou eu ou sou você?

eu te peguei nos meus braços e eu vi.

eu falei: oi.

eu falei: oi.

(silêncio)

eu falei: oi. tchau.

eu não falei nada, eu acho.

naquele silêncio do parto, só meu choro.

naquele momento sangue, placenta, procedimentos, cuidados necessários com o corpo da mulher. saiu tudo, tudinho?

saiu?

saiu o que não era pra sair. por mim você ficava ali mais tempo. terminaria seu ciclo. eu não tinha pressa. eu não queria resolver.

resolver.

era o que me diziam. rápido, prático, indolor.

saiu também um pedaço de mim.

da placenta eu fiz um quadro. pode? quem disse que não pode? eu podia comer se eu quisesse. eu podia... como os cachorros fazem... eu comeria, eu poderia ter comido.

saíram outras coisas também. a fome que eu tinha de mundo, saiu ali.

eu fiz muita força. e eu expulsei algumas coisas junto.

expulsei. expeli.

esses dois verbos que mudam o agente da ação:

eu expeli?

ou você nasceu?

eu não sei.

me disseram que uma alma pesa 21 gramas. me disseram.

mas eles estavam errados. a alma pesa 500 gramas. é isso que te diferencia de ser gente ou lixo hospitalar.

silêncio.

oi, você tá mesmo?

onde é que você tá agora?

500 gramas também tem o peso das burocracias todas. um papel: a liberação do hospital. outro papel carimbado: o atestado de óbito. outro papel: a autorização pro enterro.

mas é outro papel que eu queria.
quando é que vou ter sua certidão de nascimento?
você tava vivo aqui dentro de mim. um dia você tava...
pra morrer, tem que estar vivo.
mas pra estar vivo é preciso nascer?
o que vem antes desse momento do parto? é vida que
compartilhamos no nosso corpo?
ou só um limbo escuro e cheio de água?
hoje você morreu.
mas qual foi o dia mesmo... me diz!
fala alguma coisa!

.
pra sua despedida eu vesti branco. branco é a cor que
usamos no hospital. cor da vida. não me vesti corretamente.
qual é a cor do luto?

esqueci.
fiz uma reza.
chorei mais um pouco.
oi?
mas não acreditava em mais ninguém.
nem nisso que chamamos realidade. mais outro episódio.
mais um universo paralelo.

o que está ali no caixão? um pedaço meu? um rim? um
pulmão? meus olhos? meu útero inteiro com o resto de alegria
que eu guardava escondida? o que era aquele pedaço meu?
sou eu ou sou você?

chegar em casa de mãos vazias.
chegar em casa viva (será?).
chegar na casa vazia.
eu, também, vazia.
uma matrioska vazia.
a saudade é o revés de um parto.
a saudade é arrumar o quarto...
um dia.
uma semana.

um mês.

um ano.

as pessoas ligam, mandam mensagem. vocês chegaram?
você é muita gente, eu penso.

o que ninguém sabe é tocar, comer, lambar o assunto
velado.

além do seu corpo, velei também toda nossa história,
nossos 9 meses, 30 semanas, 6 meses, 120 dias, ou 500
gramas...

será que ninguém consegue mais me ver?

ninguém poderia dar conta dessas palavras que eu engoli
a seco. a melhor frase é aquela que você gasta a vida inteira
pra construir, mas não consegue... uma palavra escorrega... um
silêncio também...

mas quando eu cheguei em casa de mãos vazias, o resto
do corpo era todo outro. havia uma mudança de órbita.

um peso enorme, dor nas costas, perda de equilíbrio e
um inchaço que me fazia parecer o dobro. eu te odeio...

eu odeio meu corpo que não te criou.

afinal, é tudo sobre o ato de criação, não?

meu corpo mudou com a criação.

meu corpo tem o sono leve porque alguém vai chorar na
madrugada. ou deveria.

meu corpo tem faixa nos seios. vamos repelir o alimento.
não há choro e nem fome.

remédios, muitos remédios.

qual a minha doença?

quem nasce assim?

viver a dor. dopar a dor.

um dia.

uma semana.

um mês.

um ano.

oi, você tá ainda?

.

eu não deveria parar de chorar nunca.

me disseram que são cinco as fases do luto. não sei por qual começar ao certo.

mas mesmo depois delas todas superadas. eu não deveria parar de chorar. o que achariam se eu superasse? então, não posso.

quem morreu ali?

quem nasceu ali?

qual parte, músculo, pele, osso, morreu ali?

você é um.

eu sou outra.

e o próximo também será outro.

mas você é um.

e por isso, talvez, um dia, eu deva parar de chorar.

mesmo que tenha sido só dentro de mim. dois em um.
mas você é um.

com quem eu tô falando? comigo mesma? ou com você?
ou a mesma coisa?

não consigo acoplar as nossas histórias. a sua e a minha.
e a minha com a minha. uma pessoa que fez nascer, fez morrer
ao mesmo tempo.

onde se encaixa a minha narrativa? alguém já contou?
qual é a epopeia que diz que pode haver morte no nascimento?
onde está escrito que mesmo com a morte outras coisas
nascem, como uma mãe sem filho. é isso que eu sou?

quem nasceu?

quem morreu?

eu?

mas talvez eu deva parar de chorar.

ou talvez o choro possa inaugurar outro parto.

outras fases.

um dia.

uma semana.

um mês.

um ano.

quem nasceu?
eu disse pra mim mesma:
oi?
oi, você taí mesmo?
né que você taí?
se mexe um pouquinho vai, deixa eu sentir.
deixa?

sobre a autora

lígia souza, dramaturga, pesquisadora e professora. é doutora em artes cênicas pela usp – universidade de são paulo e mestre em literatura pela universidade federal do paraná. professora de dramaturgia no curso de produção c nica da ufpr e no curso técnico da fundação das artes de são caetano. coordenadora do núcleo de dramaturgia do sesi paraná.   autora de penélope, o nome das coisas, outros sons, para ler aos trinta, bem-vindo, adeus, aqui e outros textos.   fundadora da la lettre espaço de criação.

contato: oli.ligia@gmail.com

SINOPSE

“As Vozes Delas” reúne quatro textos teatrais. Em sua dramaturgia ecoam vozes de mulheres a partir de diferentes perspectivas, as quais delatam incômodos, dores, questionamentos, violências, questões de gênero que são comuns ao universo feminino.

O AUTOR

Lígia Souza é dramaturga, pesquisadora e docente do Curso de Produção Cênica da UFPR. É autora de “Outros Sons” e doutora em Artes Cênicas (USP). Coordena o Núcleo de Dramaturgia do Sesi Paraná.

ISBN: 978-65-86198-48-5

CD



9 786586 198485

